

Laura Elizia Haubert

Doce olho do furacão

e outras fúrias

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2021

Doce olho do furacão

Ninguém dizia uma palavra sobre o que estava acontecendo, mas mamãe sabia. Posso afirmar com certeza, porque a vi espiando pela fresta da porta na última vez que meu pai escapuliu do seu quarto para o meu no meio da noite. Ela ficou lá parada, como um animal raivoso, e pela manhã, lançou-me um julgamento terrorífico.

Sentia-me suja. Após noites como essa, comecei a tomar quatro banhos por dia. Se eu pudesse, teria me desfeito do corpo inteiro, em especial daquelas partes que não pareciam minhas e que eu não queria que fossem. Mas como fazer isso? Como habitar qualquer outro lugar que não fosse eu mesma?

Todos ignoravam o problema com uma facilidade perturbadora. Em parte, posso entender, o que é que se ia falar? Ninguém queria lidar com aquilo. Verbalizar tornaria as coisas reais, então melhor mesmo era não dizer nada. Não admitir o que acontecia. E ainda tinha outro problema, quem é que iria acreditar em mim? Para quem eu iria falar? Passava o tempo tentando lidar com aquela dor tão grande, que não caberia em nenhum outro lugar senão no meu peito.

Foi nessa época que comecei a matar cachorro de rua a paulada. Comecei de forma despretensiosa. Ouvira dizer

que os meninos que moravam do lado esquerdo da quadra, três ou quatro moleques com roupas esfarrapadas e sapatos furados, com pais tão ruins ou piores que os meus, estavam por aí torturando cachorros. Fiquei vidrada com a ideia.

É claro que ninguém falava a respeito disso também. Não como problema, ao menos. E, em parte, deve ter sido o que me atraiu. O cheiro sórdido do silêncio. A coisa de sempre; todo mundo sabia da podridão, e ninguém fazia nada, o bairro inteiro quase não estranhava amanhecer com a rua cheia de sangue e bicho morto na cloaca.

Esse pacto de silêncio perdurou até mesmo quando os meninos mataram Lulu, o poodle idoso da Dona Lúcia. A senhora morava quase dobrando a esquina, numa casa alquebrada. Não cumprimentava ninguém e não tinha nem filho, nem marido. Tudo o que tinha era o maldito poodle que mataram numa noite de terça-feira, quando fazia calor e o tédio era grande. Depois, os meninos levaram o cadáver até a calçada da Dona Lúcia e o deixaram lá.

Como eles regiam as regras, ela não falou nada, mas a vizinhança ouviu por semanas seu choro copioso de quem perdeu um ente amado. Dava para notar a aura de desgosto ao redor, e no seu rosto, via-se que ela e o desgosto e a tristeza eram uma coisa só. Mas ninguém disse nada a respeito e as coisas se ajeitaram sozinhas.

Nesse dia, quase tive dó. Podia imaginar aquela senhora sentada lá, com sua dor, sozinha, fechando as pálpebras entre soluços. Eu conseguia reconhecer a desolação, mas logo deixei a ideia de lado. E daí que ela estivesse sofrendo? As pessoas já tinham suas próprias desgraças para lidar.

Se o bicho tinha dono, isso deveria importar? Talvez, mas no fim das contas não fazia diferença. Cachorro era ca-

chorro e não tinha direito nenhum, nem documento, nem polícia que se preocupasse. Ao menos, era o que parecia. Ninguém ligava para esse bando de animais a não ser a Joana, que era crente fervorosa e não suportava violência. Às vezes, ela saía no portão, furiosa com nossos crimes. Era ver os meninos passarem, para ir à frente da casa gritar que aquilo era um pecado terrível e queimaríamos no inferno. Ela não percebia que já estávamos no inferno, e pior, havíamos nos habituado a isso.

— Deus te ouça, Dona Joana! — gritava de volta o Matheus. — Lá é quente, pelo menos a gente está acostumado — então ele ria e continuava caminhando com seus paus e pedras.

Dos quatro meninos, Matheus era o único de quem eu gostava, porque ele tomava banho e não exalava medo quando se aproximava de mim. Eu podia sentir o temor nos outros, Felipe, Gustavo e Lorenzo. Figuras patéticas. Me faziam pensar que cresciam para se tornar homens invasores de quartos, que machucariam as pessoas por dentro.

Antes de me juntar a eles, eu ouvia histórias sobre o que faziam, então certo dia quando os vi andando em direção ao terreno baldio que chamávamos de praça, fui atrás deles cheia de coragem. Minhas mãos tremiam, mas não quis nem saber de medo. Assim que eles se escoraram na única árvore do terreno, apareci por trás.

— Quero participar.

A noite anterior tinha sido horrível, eu precisava daquilo, precisava fazer minha mente pensar em outra coisa que não na minha vida miserável.

— Do que ela está falando? — resmungou o alto de camisa verde, Felipe.

— Sei o que vocês andam fazendo à noite. E quero participar.

— Meninas não são convidadas.

A possibilidade me havia ocorrido muito antes de sair pelos lábios de Lorenzo. Dei de ombros mantendo a calma.

— Vou aparecer do mesmo jeito se vocês não me convidarem. E vai ser pior.

Eles não tinham ideia do ódio que me aquecia e me deixava sem forças para levantar pela manhã; tudo o que eu desejava era sumir entre o lençol e a colcha, como se fosse capaz de desintegrar meus próprios átomos. Se pudesse, teria cessado minha existência. Mas não podia. Então era melhor acabar com outra coisa.

Entreolharam-se em silêncio, rendidos.

— Tá, pode participar — disse o Gustavo — Mas vê se não chora quando ver sangue.

Dei uma risada estridente. Eles não imaginavam o que eu era capaz.

— Encontro vocês aqui mais tarde, então.

Voltei para a varanda de casa enérgica, ansiosa pela caída da noite. Os meninos nunca perguntaram a respeito, embora eu pudesse ver a curiosidade em seus olhos, e ler em suas faces as perguntas não elaboradas. Também pude ler a surpresa quando me viram chegar. Eles deviam achar que eu estava brincando. Apareci preparada, com um pedaço de madeira que recolhi perto da rua 13, grosso e com um prego enferrujado na ponta. Meus dedos estavam cheios de pequenas farpas que doíam e me faziam sentir bem.

Viva. Viva. Viva. E para que toda aquela vida fluía em mim?

Essa foi a primeira de muitas noites que matei cachorros. Fazia calor, sempre calor, e eu suava, e as farpas entravam nos meus dedos irritando a pele. Eu ignorava a dor e andava por horas se fosse preciso até achar um vira-lata.

O primeiro não dá para esquecer. Tinha pelo castanho, um olho machucado e mancava com a perna direita. Dava para ver que ele não aguentava mais aquela vida. Deve ser por isso que senti um tremendo alívio quando dei a primeira paulada bem nas suas costas, e ele ganiu alto, e eu explodi por dentro. Maravilhosa. Podia sentir um furacão inteiro em mim, destruindo tudo. Eu estava bem no centro do tornado, no seu olho, onde tudo era doce.

Devo ter dado mais uma ou duas pauladas até ser afastada pelos meninos que reclamavam que queriam participar. Esse virou nosso método, eu começava. Sentia-me vidrada entre os ganidos e a violência, entrando em um estado de êxtase puro. Extasiada, extasiada, extasiada. Quando chegava ao ápice, rendia-me como se estivesse drogada pela sensação, então me afastava e eles terminavam o serviço. Todas as noites em que batíamos nos cachorros, eu me sentia embevecida. Será que era assim que meu pai se sentia? Será que eu era seu cachorro?

Essa noite, e esse cachorro, foram seguidos por muitas noites e outras vítimas. Voltava cada vez mais ansiosa e vidrada. As outras noites foram repetições pálidas; a gente procurava um cachorro e sentia quando o encontrava, então eu tomava logo posição e dava o primeiro golpe, bem dado. Os meninos nem questionavam, abriam espaço formando a roda enquanto a madeira descia na carne, plaf.

Eles não diziam nada, mas deviam intuir o quanto eu precisava daquilo. Acho que dava para ver no desespero que era meu semblante, em como os meus dedos tremiam, cheios de farpas, determinados. Toda a bagunça que era a minha existência se resolvia por um instante, sumia assim que eu dava a primeira paulada. A alegria da violência.

E daí se essa felicidade era falsa? E daí se eu só podia escapar de mim machucando o outro? Tudo na minha vida era tão falso quanto aquela alegria, e aqueles segundos eram os únicos que me faziam vibrar de contentamento. Ali eu me sentia viva. Ali, quase me sentia bem. Ali, às vezes, imaginava a cabeça de minha mãe, ou o saco do meu pai.

Matheus foi quem começou a estragar as coisas. Esse é o problema, são sempre as pessoas que gostam de nós que nos devoram e cospem os ossos sem se importar. Elas fazem por amor, dizem. Por que é que elas fazem isso?

— Talvez a gente devesse parar de bater em cachorro — ele começou dizendo, num sábado à tarde.

Estávamos sentados no asfalto, vermelhos por causa do sol. Os outros moleques brincavam de luta e riam ao desabarem no concreto que queimava como uma frigideira no fogo. Tão tolos e agressivos. Eu não disse nada, o que é que ia dizer?

De alguma forma, sabia. Como? Porque havia notado o modo como andavam arrastando os bastões, demorando para encontrar os cachorros, não tinham o mesmo interesse, nem saíam triunfantes em conseguir sangue. Eram quase mecânicos, como se a morte fosse parte da rotina. Será que eles não entendiam?

— Tu tá com dó agora, é?

— Eu não, que idiota.

Entre nós dois ou era guerra silenciosa ou nada. Então ele preferiu ficar com o nada. E eu fiquei com a guerra para mim.

Naquela noite não consegui dormir, então saí escondida. Não encontrei nem os meninos nem cachorros que pudesse maltratar. Foi o desfecho do fim, logo percebi que aquela sen-

A U T O R A
E-mail: eliziahaubert@gmail.com
Instagram: [@laura_elizia](https://www.instagram.com/laura_elizia)



Auroras é um selo da editora Penalux dedicado exclusivamente à publicação de mulheres:

E-mail:

auroras@editorapenalux.com.br

Instagram:

[@seloauroras](https://www.instagram.com/seloauroras)

• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em agosto de 2021.
